

## Scalabrini e a Fé

Scalabrini sempre sentiu em sua vida o chamado missionário, isto é, a propagação da fé. Ele foi o apóstolo do Catecismo, isto é, do livro da vida da fé.

### João Batista Scalabrini Bispo e Fundador



#### Scalabrini e a Fé

*“A fé é uma relação inefável da criatura com o criador, relação através da qual a criatura se eleva a Ele e a Ele se une e se torna partícipe da mesma sabedoria e do mesmo poder”* (Pastoral 1884).

Scalabrini sempre sentiu em sua vida o chamado missionário, isto é, a propagação da fé. Ele foi o apóstolo do Catecismo, isto é, do livro da vida da fé. O seu carisma principal – a assistência aos migrantes – foi-lhe inspirado com a finalidade de conservar neles a fé colocada à dura prova e por meio deles evangelizar a sua volta quem não tem a fé.

Os testemunhos no Processo Diocesano de Beatificação (1936 – 1940) estão de acordo em afirmar a heroicidade desta virtude, que manifestava em sua vida, também exterior, toda compenetrada em Deus. É dele a bela expressão que revela também a natureza habitual de sua “relação inefável” com Deus: “Não há nada de mais natural que o sobrenatural.” Nos seus escritos, a virtude teológica da fé tem grande abrangência (pensemos ao seu primeiro Sínodo) e serve de tema, inclusive, para três

Cartas Pastorais: Quaresma 1884, 1885, 1899. Nas homilias, assinalamos aquelas Cartas sobre Epifania, a festa dos Reis Magos – os nossos pais na fé – em que são evidenciadas, sobretudo, – e isso também é verdadeiramente scalabriniano! – a coragem e a constância do testemunho da fé. Síntese teológico-pastoral eficaz nesta série de homilias são as duas últimas 1904, 1905 (Discursos, I, 254-262).

Oferecemos, aqui, uma ontologia a partir da Carta Pastoral para a Quaresma de 1884, mas queremos antes chamar atenção sobre alguns pensamentos que estão presentes no magistério pastoral do Bispo de Placência, sobre a virtude da fé.

#### Pensamentos recorrentes sobre a fé

Na Carta Pastoral de 1885, a respeito dos motivos da credibilidade da nossa fé, isto é, sobre as provas que demonstram que é racional o ato de crer – e que são: as profecias sobre Jesus, os milagres da Igreja e a sua sobrevivência aos ataques dos inimigos – é muito importante o pensamento que justifica essa Carta Pastoral, isto é, as mutáveis condições da vida de fé e as suas conseqüências também no campo pastoral.

De fato, ontem, a fé era aceita pela sociedade, hoje, ao invés, é “perseguida”; ontem, ela estava no pensamento e nos corações, enquanto hoje, urge uma nova evangelização “como se faria entre os infiéis”, enfim, ontem, numa sociedade cristã também o catecismo podia ser apresentado de maneira segura e dogmática, enquanto que hoje, queremos “provas e firmes, profundas e estáveis fundamentações”: precisa, isto é, mudar o método e em parte também os conteúdos da catequese. Um segundo pensamento que aparece com freqüência é o de que também “na ordem natural” o homem tem necessidade de crer: nos pais, no médico, no professor e assim por diante: “Todo estudo, toda disciplina se adquirem pela fé. A autoridade daqueles que sabem é, antes de tudo, a única razão daqueles que querem aprender”. Além disso, a vida social, a amizade, o matrimônio, o comércio, a autoridade em geral, etc., pressupõem a fé. Portanto, nada de extraordinário se nos pede a fé na ordem sobrenatural!

Um outro pensamento presente, na Carta Pastoral de 1884, é a “obscuridade, o mistério que circunda a fé”. Para Scalabrini, o mistério, que para muitos é motivo para não crer, é para ele, ao invés, a garantia da divindade da fé: porque se ela fosse produzida pelo homem, seria também compreensível ao homem: de fato, o homem produz sempre coisas humanas. Uma fé sem mistérios é puramente humana e não divina, não é digna de Deus!: “Uma religião que não tivesse mistérios estaria no nível das coisas humanas e não seria digna de Deus (...). As sombras do mistério devem, antes que diminuir a nossa fé, aumentá-la” (Discursos, Iº, Epifania, 1905).

Os mistérios da fé devem, pois, chamar-nos atenção, não só para a incompreensão ou obscuridade, mas para a inesgotável graça de Deus, porque esses mistérios, “são ricos de esplendores inefáveis e, como a coluna que guiava o povo de Deus no deserto, espargem sombras e luzes (Ib.).

Para Scalabrini, a fé – e aqui entramos cada vez mais no segredo da sua vida religiosa – não é somente um fato intelectual e especulativo, mas é também, e sobretudo, um “afeto”, uma adesão da

vontade. É mais propriamente aquilo que se chama “confiança” no Senhor, a virtude mais recomendada por Jesus no Evangelho.

Esta fé-confiança, na estrutura do homem cristão é (e se tome o realismo do termo) um novo “sentido” acrescido à razão: para conhecer, julgar e agir segundo a nova vida: “Como com os sentidos do corpo o cristão vê, toca, sente as coisas materiais e sensíveis, assim, com a fé que lhe é infusa, vê, toca e sente as coisas futuras e celestes” (Pastoral 1884).

Este “sentido” da fé torna-se, na realidade, uma experiência de fé, como é demonstrado neste outro bonito pensamento, que tem também o mérito de unir as três virtudes teologias e de ver o efeito que isso produz: a santidade cristã. “O cristão crê e sua inteligência se ocupa em entender e a contemplar as coisas que crê, melhor que se as visse com os próprios olhos do corpo. Espera, e as suas esperanças são concretas, reais, substanciais na medida que os seus afetos vão se ligando tenazmente com toda energia de que são capazes. Ama, e o seu coração é chama que destrói toda dúvida, é chama de fogo que se eleva ao céu. Ele quase já não sente a terra; sente só o seu Deus e por seu Deus, sofre, combate, morre.”

Por isso, Scalabrini desconfia de um modelo de cristão, admirado há algum tempo, que coloca sempre em discussão a sua fé como se Jesus tivesse morrido para fazer apologia da dúvida. Uma frase como esta, que resume o conteúdo da segunda parte da Carta Pastoral de 1884: a fé deve ser “firme”, hoje, pode até escandalizar.

“A fé quer ser firme, e é firme quando crê em todas as verdades que Deus revelou a sua Igreja, com tal certeza, segurança, estabilidade e constância que exclui qualquer mínima dúvida.”

E, enfim, este belo pensamento de dimensão teológica: a razão formal do ato de fé não consiste principalmente na evidência da verdade, na harmonia dos dogmas da Igreja, na beleza de sua moral ou na grandeza de sua civilização (isto é, nos motivos de credibilidade), mas consiste, antes de tudo, na confiança em Deus, e “deve fundamentar-se na veracidade da palavra Dele”: “Deixo de lado os argumentos, omito as disputas: a mim basta para cada argumento a pessoa que fala; não busco outra coisa”.

O ato de fé torna-se, então, um ato de esperança e de amor. Por isso, Scalabrini – como vimos no pensamento acima - falando da fé, integra no discurso Esperança e Caridade.

**Antologia** (coleção de textos organizados segundo o tema, época, autoria)

#### **Fé dinâmica e existencial**

Tudo é possível para aquele que crê! É a fé que faz os missionários, os mártires, os heróis da caridade, os empreendimentos grandiosos, aquela santidade de vida que se exprime na civilização cristã: por isso, aquela espécie de vibrante doxologia final.

Não escapa a Scalabrini o nexo entre fé e cultura e entre cultura cristã e Itália, porque isso contém na raiz a intuição fundamental da pastoral scalabriniana para os migrantes: Religião e Pátria.

“É exatamente da fé, como de todo afeto profundo radicado no coração e vivamente sentido, que se manifesta, se expande, a comunicação para com os outros. Uma fé que gosta de se esconder, que se fecha em si mesma, que não tem, de alguma maneira, o generoso instinto do apostolado, que não treme vendo-se só, que é indiferente à honra, à censura, não é mais fé” (Discursos, Iº, Epifania, 1891).

“Pela fé, imitamos os Apóstolos, que afrontaram perigos e superaram obstáculos de toda espécie e anunciaram o Evangelho no mundo inteiro. Pela fé, mais de 20 milhões de mártires derramaram, com alegria, o seu sangue. Pela fé, inúmeras jovens, matronas, virgens de toda condição social e de toda idade, disseram adeus ao mundo e aos seus loucos prazeres e correram a sepultar-se nas solidões. Pela fé, os santos todos lutaram e venceram, venceram o demônio e as suas ciladas, a carne e as suas lisonjas, o mundo e suas pompas. Ah! Tudo é possível àquele que crê! (Mc 9,23). Pela fé, unindo-se ao próprio Deus, que é Caminho, Verdade e Vida, sente-se recompensada a inteligência, satisfeito o coração, alegre o espírito, sente chegar em toda alma uma vida sobre-humana, um vigor todo celeste que a purifica, a transforma e torna possíveis, ágeis e suaves os mais árduos sacrifícios.

Não, não há resolução verdadeiramente nobre e grande que a fé não inspire, nem empreendimento grandioso e generoso que a fé não acompanhe ou não traduza em ato. É a fé que nos abre, diante dos olhos, um novo mundo espiritual de sublimes realidades, de novos e sublimes afetos e novas e sublimes operações.

Tudo quanto se vê de bonito, de útil, de grande no mundo, tudo, de alguma forma, é obra da fé e se essa nossa terra italiana foi em algum outro tempo mestra de civilização e saber, o foi, exatamente porque teve de Deus o singular privilégio de acolher no seu centro a sede e o magistério da fé católica. Desta fé é obra a superação dos erros, a abolição da escravatura, a suavidade dos sentimentos, a tranqüilidade do viver. Necessária a toda sociedade humana, a fé prega a justiça aos soberanos, a obediência aos súditos, a misericórdia aos ricos, a resignação aos pobres, o trabalho e

os deveres de estado aos cidadãos, a caridade a todos os homens. Ela é o vínculo dos espíritos, que une nas mesmas verdades; o apoio da autoridade, que a torna inviolável e sagrada; os suplementos das novas leis, que não podem governar o coração; o fundamento dos costumes públicos, que são a força dos impérios; a garantia da integridade, a qual sem a fé seria ou falsa ou suspeita ou vacilante. Ela é o conforto dos infelizes, a vida dos justos, o freio dos maus, a fonte de todos os bens. É ela que nos guia, após a passagem por este vale de lágrimas, para além da tumba; ela que nos introduz à pátria celeste, à morada da glória imortal. Ó fé, ó santa, ó divina fé, quanto és grande! Quanto és preciosa! Quanto és digna das homenagens, das bênçãos e do amor dos homens!”.

### **Fé dos avós**

A fé “operosa” deve exprimir-se “naquelas práticas de piedade religiosa que, como preciosa herança, foram transmitidas a vocês pelos vossos pais”, aquelas práticas que impregnam de espírito do Evangelho toda a trama da vida individual e social do povo italiano e que encontram expressão na sua cultura. Scalabrini, não esquece as “raízes” da fé do povo placentino: o mártir Santo Antonino e todos os outros santos da Igreja de Placência.

Vemos, como também aqui, a fé tem raízes profundas na tradição cultural de um povo e, como a perda dessas raízes -como acontece com o fenómeno migratório- pode constituir um perigo para a própria sobrevivência da fé: este fato levará Scalabrini a fundar uma Congregação de Missionários e Missionárias para os migrantes.

“Quanto mais a fé é viva, tanto mais abundantes são as boas obras; e vice-versa, a abundância das boas obras aumenta a vivacidade da fé. Quando a fé enfraquece, diminuem as boas obras e a interrupção das boas obras torna fraca e lânguida a fé” (Pastoral 1884).

O conhecimento que nós temos da vossa notável piedade e do amor ardente à fé dos vossos antepassados, nos assegura que vós, ó diletíssimos, não cedereis às tramas e ilusões (dos inimigos da fé). Muitas coisas da fé católica nos falam alto ao coração: a história e as tradições, os monumentos, a literatura, as artes, as ciências, tudo tem início na fé ou está intimamente ligado a ela.

Sim, a fé que o valoroso Antonino selou com seu glorioso sangue; que Vitor, Sabino e Mauro e tantos outros notáveis bispos ilustraram com o esplendor de seu saber e com o heroísmo de suas virtudes; que os santos confessores Gelásio, Peregrino, Donino, Ofílio, Eusébio e tantos outros, tornaram ainda mais bela com a beleza de sua vida apostólica. Esta fé que nos é muito cara, nunca mais, com a ajuda divina, nos será arrancada do coração (...).

Vocês, ao contrário, ó caríssimos, procurem estudar e manter nos seus lares aquelas práticas de piedade religiosa, que como preciosa herança lhes foram transmitidas pelos vossos antepassados e nas quais há tanto da história da família e da pátria; há a parte mais bela e inocente da vossa vida, tantas suaves memórias, tantas piedosas comoções da alma, tantos favores do céu.

Invoquem, com freqüência, a ajuda divina no início de cada ação. Sobre todas as vossas coisas peçam a bênção de Jesus Cristo; leiam os bons livros, meditem com freqüência as verdades eternas, mais do que vos é solicitado, sejam generosos com os pobres. Ajoelhem, lá onde se ajoelharam os vossos pais, recitem as orações que vocês aprenderam de seus lábios, pronunciem-nas com a mesma fé que eles as pronunciaram; não esqueçam a bela prática do Rosário com a qual eles recorriam à Virgem; E Deus e a Virgem estarão com vocês como estiveram com vossos pais; os vossos filhos, continuando o exemplo da vossa religião, o transmitirão também eles aos seus filhos e, o Anjo do Senhor guardará a vossa casa, na qual reinará justiça, paz e alegria no Espírito Santo (Rm 14,1).

### **Pensamentos de Scalabrini**

“Mais do que abstratas considerações, hoje, (idade do Positivismo) exigem-se fatos; e nós vamos nos ater aos fatos (...) admitidos pelos próprios incrédulos, identificados com os nossos costumes, com as nossas leis, com a nossa civilização; fatos que podem ser negados porque são livres (...), mas que permanecem indestrutíveis e brilham com tal esplendor que até os cegos podem vê-los”. (Pastoral 1885).

“O mistério tem tantas facetas quando se trata do homem e da natureza vegetal, mineral, animal; muito mais deve ter quando se trata de Deus, que se definiu o Deus escondido, que habita na luz inacessível” (Pastoral 1885).

“Cremos agindo, agimos crendo!” (Ib.).

“Imprimam bem na mente esta grande sentença, que a primeira fonte da incredulidade não é, nem nunca foi, o estudo da ciência, que revelou à razão o falso da Fé, mas é unicamente o empobrecimento do coração (...) que se habilita, com o disfarce da ciência, de poder fazer parecer falsa, a verdade” (Pastoral 1889).

“Pouco estudo e saber forma os incrédulos, enquanto que a verdadeira ciência os faz retornar à fé” (Pastoral 1879).

“Entre ocultar a fé e perdê-la não há que um passo” (Pastoral 1890).

“Os sabichões que não sabem nem falar como doutos, nem calar com humildes (...) deixam de crer, porque não sabem raciocinar” (Ib).

“É preciso um esforço para não crer, disse um sábio” (Discursos, Iº, Epifania 1905).

“Como é possível estarmos convictos da verdade da religião, da necessidade de abraçá-la, das vantagens que ela traz, das desgraças daqueles que não a têm e não se ocupar, quando for possível, para que seja conhecida por todos, amada, respeitada?” (...) “Quem não se ocupa em ajudar àquelas obras que miram preparar anjos de paz e pregoeiros do Evangelho que levem aos míseros a palavra da saúde?” (Ib).

\*Livre tradução de Ivo Prati do folder “Venerabile G.B. Scalabrini Vescovo e Fondatore” escrito por Padre Stelio Fongaro e confrades.